



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**HEITOR DE ANDRADE RODRIGUES E OSMAR MOREIRA  
DE SOUZA JÚNIOR  
(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-300

**Entrevistado:** Heitor de Andrade Rodrigues e Osmar Moreira de Souza Junior

**Nascimento:** 12/09/1983 e 22/07/1969

**Local da entrevista:** Hotel Nacional, Brasília (DF)

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 14/12/2012

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo e Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** Trinta e oito minutos e sessenta e três segundos

**Páginas Digitadas:** 15

**Observações:**

Os entrevistados realizaram pequenas alterações depois da transcrição da entrevista

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Funções exercidas no Programa Segundo Tempo; Inserção no Programa; Atividades da Equipe Colaboradora que atuam; Relato sobre o Projeto Piloto na cidade de Sertãozinho; Descrição dos três encontros do Projeto Piloto; Trabalhos e discussões sobre indisciplina; Aplicação das estratégias; Atuação com sobre turmas heterogêneas, competitividade e aspectos específicos do esporte; Avaliação do projeto; Avaliação da participação dos professores no Programa Segundo Tempo.

Brasília, 14 de dezembro de 2012. Entrevista com Heitor de Andrade Rodrigues e Osmar Moreira de Souza Junior a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Boa tarde, gostaria inicialmente de perguntar sobre quais as funções que você já exerceu no Programa Segundo Tempo?

H.R. – Eu, desde 2008, venho exercendo a função de avaliador, e mais recentemente, nos últimos dois anos, de vice-coordenador da Equipe Colaboradora 21.

C.M. – Que é a equipe de qual Estado?

H.R. – Equipe de São Paulo.

C.M. – São Paulo?

H.R. – Interior de São Paulo.

C.M. – Quais as funções que já exerceu no Programa?

O.M. – Eu sou avaliador. Eu estou, desde início de 2010, na função de avaliador da Equipe Colaboradora 21, no interior do Estado de São Paulo.

C.M. – Professor Heitor, como você se envolveu no Programa, como foram os primeiros contatos? Foi convite?

H.R. – Na verdade foi um convite da minha orientadora de mestrado, que teve um contato com Amauri<sup>1</sup>, e ai teve a necessidade de ter uma relação com outro avaliador no interior de São Paulo. Ela me fez o convite, passei a integrar uma equipe que era no Paraná na época, e depois fui continuando dentro do Programa e depois de um periodo houve a possibilidade de assumir a vice-coordenação de outra equipe.

C.M.– Qual é o nome da orientadora?

H.R. – Suraya Cristina Darido.

C.M. – E você Osmar?

O.M – Eu passei mais ou menos pelo mesmo caminho, eu também fui orientando da professora Suraya Darido, mas eu acho que eu vim mais ou menos para entrar no lugar dela, não é Heitor? Porque foi uma época em que a Equipe estava passando por uma reformulação, os coordenadores da Equipe eram o Cláudio Kravchychyn e o vice-coordenador o Silvano<sup>2</sup>, mas em vias do Silvano assumir a coordenação dessa Equipe, aliás, de criar a Equipe 21 que somos hoje. E o Cláudio ia ficar com a Equipe 14, ia precisar então de outros avaliadores e nesse sentido, tanto a Suraya como o Heitor, indicaramo meu nome para compor a Equipe.

C.M. – Como está a Equipe de vocês? Quais as atividades que vocês tem feito? Como está a organização da Equipe? Tem algum limite que vocês têm encontrado?

H.R. – Então, nesse último ano a gente teve uma diminuição no número de núcleos que a gente atendeu e hoje nós somos em seis avaliadores, incluindo o coordenador e o vice. O mais interessante desse ano, eu acho, foi a possibilidade da gente ter feito o piloto de acompanhamento pedagógico, que no caso é uma oportunidade de acompanhar de forma um pouco mais próxima de Sertãozinho<sup>3</sup>. Agora no sentido de limites, nesse momento nosso limite é a interrupção da continuidade do trabalho no período de três meses por conta de um corte em duas bolsas. A princípio é isso, não sei se tem mais alguma coisa a acrescentar.

O.M. – É, esse projeto piloto de Sertãozinho ele foi precedido de uma reflexão que nós tivemos dentro da Equipe Colaboradora que acabou emergindo um artigo publicado na Revista Motrivivência onde nós fazemos a discussão a respeito daquilo que nós enxergamos como limitações do atual modelo de capacitação pedagógica dos convênios,

---

<sup>1</sup> Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira.

<sup>2</sup> Silvano da Silva Coutinho.

então, a partir dessa reflexão, acho que seria legal eu te contar até um pouquinho sobre o piloto, mas a partir dessa primeira reflexão o modelo proposto foi colocado em prática nesse convênio da Prefeitura de Sertãozinho, e desenvolvido durante os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro a capacitação.

C.M. – Então, falem um pouco do projeto, o que ele é, e como está sendo?

H.E. – Então, como o Osmar frizou bem, ele surgiu de uma insatisfação da própria equipe em relação aos resultados da capacitação, do atual modelo de capacitação, os vídeos. Na verdade a gente começava a perceber que durante as visitas em núcleos que as práticas dos professores e a qualidade das aulas mudava muito pouco com o conteúdo da capacitação e a gente, muito incomodado com isso, começou a pensar no poderia fazer para conseguir um contato mais efetivo com os coordenadores de núcleo no sentido de colaborar com o trabalho deles, no sentido de pensar em formas de transformação daquela realidade, principalmente da qualidade das aulas. Para isso a gente foi estudar alguns autores no campo da educação, dentre eles o António Nóvoa, o Angel Pérez Gomez, o Maurice Tardif, alguns autores canadenses, o americano que é o Donald Schon para pensar formas alternativas de formação dos professores; formas alternativas no sentido de que fosse uma proposta que não se enquadrasse na ideia de uma racionalidade técnica, de uma construção extremamente acadêmica, que é o caso da racionalidade técnica; uma ideia de que a formação pudesse passar por um modelo de racionalidade prática, onde a prática de aula dos professores pudesse constituir o eixo central da formação e que os professores fossem tomados como produtores de conhecimento e não apenas como pessoas que aplicam uma série de teorias para resolver seus problemas. Então, a gente teve o período de reflexão sobre isso, a própria construção do artigo nos permitiu também a apropriação desses referências, e daí depois fomos colocar isso em prática. Acho que o Osmar também pode me ajudar.

O.M. – Sim. Só retomando então essas ideias que o Heitor falou da racionalidade técnica do modelo de capacitação tradicional, além da insatisfação em relação a ir para o núcleo e identificar que todos aqueles temas que foram discutidos na capacitação eles não estarem presentes na prática pedagógica, um outro indicador que nós tivemos de que esse método

---

<sup>3</sup> Cidade do interior do estado de São Paulo.

de capacitação era limitado foi que esses professores normalmente tiravam notas altas nas provas, durante a aplicação da capacitação, mas quando nós visitávamos o núcleo aquelas mesmas questões que eles acertaram na prova, você perguntava: O que a capacitação te ajudou? O que você se lembra? Eles não se lembravam de nada, então percebia que era algo ali no momento, mas que não dava conta de resolver os problemas da prática. E durante essa capacitação inicial no convênio de Sertãozinho foi proposto a ideia do projeto piloto; nós sentimos uma certa resistência dos coordenadores de núcleo, inicialmente, porque quando eles acabavam de passar por um processo de capacitação pesado, com todos os temas, dois dias de várias atividades, palestras, vídeos e tudo mais, a gente chega e fala “Vamos fazer um projeto piloto com vocês, de acompanhamento, passo a passo, para tentar ajudar vocês na prática pedagógica.” A impressão que eles ficaram, que depois nós fomos identificar é que nós estávamos ali para dar mais trabalho, “puxa vida, mais vídeos, mais palestras, de novo aquilo, a gente já está com a cabeça cheia e tudo mais”. Então foi um exercício de convencimento um tanto quanto tenso. Teve uma menina que perguntou: “Espera aí, vocês estão fazendo pesquisa com a gente? A gente vai ser autor dessa pesquisa também?” Então esse ceticismo teve que ser quebrado aos poucos, mas enfim conseguimos dar início ao projeto piloto, fizemos a primeira reunião com eles em outubro, com o convênio de Sertãozinho composto por uma coordenadora geral, uma coordenadora pedagógica, oito coordenadores de núcleo e oito monitores e todos eles estavam presentes. A dinâmica dessa primeira reunião foi apresentar o roteiro geral do projeto piloto de acompanhamento pedagógico, e sensibilizá-los para abraçar realmente esse projeto. Então, no primeiro momento foi feito para eles a apresentação do modelo e foram discutidos alguns temas, aliás primeiro foram sensibilizados para identificar quais os principais dilemas que eles enfrentam para trabalhar em seus respectivos núcleos, na prática pedagógica. Então eles se manifestaram com relação àquilo que eles entendiam como as principais dificuldades, os principais dilemas de cada núcleo. Em seguida o Heitor encaminhou uma reflexão sobre um bom professor, sobre o professor reflexivo. “Qual seria o papel desse professor reflexivo? Qual seria o perfil de um bom professor? Identificar neles, na memória. Quem vocês se lembram que foram bons professores seus na escola”, e tal...

H.R. – “Quais eram as características desse professor? Que tipo de competência eles tinham? E vocês tem essas competências também? Vocês estão sendo bons professores

para os alunos de vocês? O que é que falta para vocês serem bons professores?” No sentido de eles começarem a se apropriar dessa discussão do ser professor, e como a prática reflexiva poderia ajudar eles a se tornarem melhores professores, acho que essa foi uma parte inicial da reunião bastante importante.

O.M. – E junto com essa contextualização do professor reflexivo, do bom professor, tentamos também retomar com eles a identidade do Programa Segundo Tempo, pensar com eles assim: “Vamos retomar qual é o papel do Programa Segundo Tempo, das diretrizes do Programa rapidamente, pensar um pouquinho o que a gente está fazendo aqui, porque que a gente vai trabalhar com esporte educacional, o que que é o esporte educacional?”. E tentando relacionar isso com os PPNs<sup>4</sup> deles. “Vamos ver o que vocês colocaram como objetivo aqui vai favorecer esporte educacional para as crianças em situação de vulnerabilidade social, o que vocês quiseram dizer com isso? Vocês acreditam realmente nisso? Ou foram palavras que foram tiradas e colocadas aqui?” Então, a ideia de dar sentido naquilo que eles mesmos haviam colocado no papel, ou se aquilo não tivesse sentido em repensar qual seria a forma de atuação desses profissionais. Eu acho que identificar os dilemas, construir essa identidade docente, foram esses os dois primeiros passos e depois selecionar, porque apareceram diversos dilemas na fala deles, mas não dava para tentar abordar tudo aquilo. Agora, teve um dilema que foi comum, não teve nenhum dos oito núcleos que não apontou esse dilema que era em relação à indisciplina. Eles falaram que um problema sério que eles enfrentavam para trabalhar nos núcleos, ali no dia a dia, era a indisciplina que inviabilizava várias outras coisas, e nós acabamos montando, a partir disso, alguns pequenos grupos de trabalho nessa reunião. A reunião começava às oito da manhã, eu e o Heitor encaminhavamos a reunião das oito da manhã até o meio dia, depois por volta de uma e meia, duas da tarde até cinco e meia da tarde mais ou menos. Era um dia intenso de trabalho que eles tiravam para isso, numa segunda-feira. Então montamos três grupos de trabalho, dois deles trabalharam com a temática específica da indisciplina, o terceiro eu não me lembro agora...

H.R. – Para refletir sobre rotinas de aula, como é que poderiam pensar em estratégias para construir uma rotina na aula que tivesse uma interferência direta para a questão da indisciplina. E eu acho que o interessante das reuniões é que elas se guiam numa espécie



de um contínuo mesmo, que é que o Osmar falou, é a identificação dos dilemas, a seleção daquele dilema que a gente está considerando mais urgente que, nesse caso, é a indisciplina, e a partir disso, que o núcleo está chamando de grupo de trabalho, esses grupos deveriam buscar então estratégias para intervir sobre o problema da indisciplina, e a partir dessa discussão. Então a gente diz: “Olha, como é que a gente pode intervir sobre a indisciplina? Primeiro, o que é indisciplina? Quais são as manifestações da indisciplina? Por que os alunos são indisciplinados? O que eles estão querendo dizer com isso?” Entendendo melhor esse problema buscar soluções para poder resolvê-lo. E a partir dessa definição das estratégias, a gente construiu um documento final nessa reunião com algumas estratégias que a gente considerava importante para uma experimentação, uma intervenção em situação real de ensino. Então a gente planejou durante o mês de outubro, início de novembro, fazer uma intervenção relacionada ao problema da indisciplina. Acho que não estou esquecendo nada dessa primeira reunião...

O.M. – Não está não. Talvez valesse a pena falar quais as estratégias que eles definiram .

H.R. – Uma das coisas que foi surgindo durante essa reunião era: “Olha, interessante, a indisciplina é um problema, mas como é que vamos resolver o problema da indisciplina? Que tipo de estratégia que a gente vai usar?” A gente também assumiu a postura de não ficar dando todas as respostas porque a gente estava trabalhando com a ideia de que os professores são produtores de conhecimento, que eles deveriam atribuir sentido para aquilo que eles estavam construindo. E a gente falou: “Eu acho que vocês têm essas respostas também”. Pensando, por exemplo, que a indisciplina se manifesta de duas formas, a gente foi usar algum autor que é o Yves de La Taille para falar sobre indisciplina. Esse autor vai dizer o seguinte: Os alunos eles são indisciplinados, basicamente, por dois motivos: número um, eles desconhecem as regras, então eles não sabem muito bem quais são as regras daquele espaço, e eles fazem o que eles acham que eles podem e o professor acha que eles estão indisciplinados. O segundo motivo: eles sabem quais são as regras mas eles querem transgredir as regras, então, a partir dessa discussão a gente pensa: “Olha, tem duas formas de enfrentar esse problema: se as regras não estão claras então eu acho que nossa primeira intervenção aqui é fazer o esforço de definir quais são as regras básicas de convivência dentro do núcleo”. A partir disso eles acabaram propondo o seguinte: “Então

---

<sup>4</sup> Projetos Políticos do Núcleo.

vamos pensar em construir um cartaz dentro do núcleo apontando quais são as principais regras, mas que isso pudesse ser feito junto com os alunos, para que os alunos atribuíssem sentido para aquelas regras”. E aí a gente pensou que só apontar as regras não dá conta, teria que por também quais são as sanções, quais seriam as punições para isso, e eles optaram por criar um caderno de advertências, que aqueles alunos que fossem recorrentes da transgressão das regras teriam que assinar esse caderno, e além disso eles criaram, eles optaram por criar um conselho dentro de cada turma, um conselho de alunos.

O.M. – Não só os alunos, alguns representantes. Os alunos da escola, da direção da escola e tudo mais eventualmente dos pais, eles falaram, se tivesse a possibilidade e coordenador do núcleo formavam esse conselho. Para esse conselho seria algo assim: “Olha, esse aqui extrapolou os limites, ele já assinou o caderno três vezes, então vamos ver o que nós vamos fazer com ele. Ele vai passar pelo conselho. Sabiam disso, e esse conselho decidiria, vai suspender, o que vai fazer com esse aluno transgressor?” Essa foi uma estratégia. Uma coisa que me chamou muito atenção nesses grupos de trabalho, que apareceram algumas ideias que nós não acreditamos que daria para avançar, então, eu lembro que um grupo eles apontaram assim: “Olha, nossa ideia é, aquele aluno que dá trabalho a gente põe ele de castigo ajudando a gente durante a aula, ele fica ajudando o professor durante a aula; ele fica lá carregando material, fica anotando as coisas para a gente. E aí gente colocou pra ele, falou: “Você está colocado aí para ajudar o professor como algo pejorativo, ajudar que é um coisa bacana você está tratando”. E a pessoa que deu essa ideia ficou muito insatisfeita. Teve um menino que ele era monitor, no final da reunião ele falou assim: “Achei que essas ideias que tiveram, para mim não teve nenhuma novidade, não tem nada de novo, acho que está muito simples, achei que ia ter coisas mais importantes”. E que é um ponto fundamental que a gente teve nesse projeto piloto que foi contar com uma coordenadora pedagógica que era campeã, era muito a cima da média, era alguém que estudou também, além de tudo, e que tem muita sensibilidade para esses aspectos educacionais, ela falou: “Não. Nós estamos precisando fazer o simples mesmo, pode ser simples, pode ser, aparecer, a princípio que é algo já que todo mundo acha que está claro, mas a gente não está fazendo, então, nós precisamos fazer”. E foi colocado em prática essas ações durante o intervalo entre nosso primeiro encontro e o segundo encontro com eles que foi em novembro. Além disso, nós combinamos com eles que iríamos filmar algumas aulas deles para levar nesse segundo encontro e essas aulas que a gente ia filmar serviriam de pano de

fundo para a gente discutir como que eles estavam lidando com aqueles dilemas, dilema da indisciplina que eles resolveram enfrentar e identificar como eles dão aula, se ver dando aula e tudo mais.

H.R. – A ideia era de que esses vídeos pudessem servir de orientação para pensar os próximos dilemas, e acho que talvez seria a nossa grande surpresa porque a gente foi com uma grande expectativa para a segunda reunião para ver: “Será que deu certo? Não deu certo? Será que eles assumiram aquele trabalho, aquelas estratégias, enquanto deles, colocaram em prática de fato, ou será que eles ainda acharam que era a gente mandando mais trabalho para eles?” E nesse primeiro período, da manhã, nesse segundo encontro que a gente teve a oportunidade de avaliar, que ao final desse contínuo que estou dizendo de identificar dilema, estratégia, experimentar e avaliar, a gente avaliou a intervenção que foi planejada no primeiro encontro, e a gente ficou muito surpreso, porque eles, a grande maioria estava surpresa também com o resultado....

O.M. – E eufóricos [riso]...

H.R.– É. Acharam que deu muito certo, a gente melhorou muito. E é emblemática a fala de uma das professoras, que ela diz: “Eu estou conseguindo dar aula, eu estava querendo que meus alunos fossem embora e agora eu já estou conseguindo lidar um pouco melhor com eles”.

O.M. – Inclusive você tem uma impressão, uma visão melhor, especificamente dessa coordenadora, porque você visitou o núcleo dela antes da gente fazer o projeto piloto, e você relatou o quanto que ela sofria para dar aula.

H.R.– Ela tinha muitos problemas de indisciplina, ela tinha tanto problema de indisciplina que quando eu cheguei para fazer a avaliação dela uma menina veio conversar comigo, uma aluna, e ela falou assim: “Você que é o responsável que veio tirar os meninos do núcleo?” No sentido assim: “Você que veio aqui resolver o problema da indisciplina que inclusive eu que sou aluna não estou aguentando mais?” E eu conversei muito isso com essa professora e você percebia na fala dela que ela estava incomodada com aquilo, que estava buscando uma forma de solucionar, mas estava enfrentando dificuldades, na

profissão. Era recém formada, acabou sendo colocada num núcleo com uma características de crianças um pouco, não sei como dizer, mas assim, crianças que não estavam acostumadas com o Projeto Segundo Tempo, que estavam começando a trabalhar com aquele Projeto.

O.M. – Com regras, falaram que é um bairro problemático na cidade, e tudo mais.

H.R. – Isso. E ela estava enfrentando muitas dificuldades para lidar com isso, e sozinha sem interlocutor ela não estava conseguindo encontrar as alternativas, então, essas ideias simples de definir as regras, de ter um livro, ajudou ela começar a conseguir dar aula. E a fala dela, as falas são muito emblemáticas, a partir disso a gente pensou: “Olha, é interessante, tivemos essas resultados e agora para frente o que a gente vai pensar? Vamos pensar, vamos observar as aulas de vocês agora, a gente apresentou eles dando aula, e a gente gostaria que vocês avaliassem a própria aula de vocês, falam um pouquinho das aulas de vocês, o que vocês acham das aulas? Vocês gostaram? Vocês fariam diferente? Não fariam diferente? Acham que podem melhorar? Acham que está muito bom?” E eles passaram a refletir sobre aquelas aulas e a gente começou a ter uma oportunidade inicial de começar discutir entre eles as próprias aulas, e a partir disso nós tivemos a oportunidade de elencar outros dilemas, além da indisciplina, e surgiram três dilemas que a gente conseguiu agrupar em três categorias: a primeira delas que seria a alta competitividade entre os alunos. Eles diziam: “A gente tem muita dificuldade de lidar com isso, eles não conseguem lidar com a derrota, e a gente tá com muita dificuldade”. Um outro grupo de problemas, que era a ideia de trabalhar com turmas mistas: meninos e meninas na mesma turma e a dificuldades de se trabalhar com diferentes faixas etárias na mesma turma. Então, às vezes, o aluno muito novo com o aluno um pouco mais velho. Por último eles relatavam também dificuldade de lidar com ensino dos aspectos específicos do esporte. E a gente fez a mesma dinâmica da primeira reunião, formou grupos de trabalho e cada um desses grupos deveria pensar estratégias para intervir sobre esses problemas.

O.M. – As estratégias, no caso nós estávamos em três: eu, o Heitor e tem um outro membro da equipe que foi o Jefferson da Silva Xavier, o Joab, que fez as filmagens, que também estava junto, cada um de nós ficou nesses grupos de trabalho. Então eu fiquei com o grupo que ia discutir turmas heterogêneas, e a discussão avançou, retrocedeu, algumas

estratégias nós descartamos e ao final da discussão eles chegaram a um encaminhamento de que as turmas não deveriam ser pensadas, ou divididas em função só da idade, e mesmo levando em consideração a divisão de gênero, ou juntar ou separar. No caso, o critério de divisão das turmas seria o nível de entendimento de jogo dos alunos e, isso foi muito fruto de um dos núcleos que falou: “Eu tenho crianças de sete e de quinze anos na mesma turma, e não dá para separar porque é o horário que eles podem ir, nessa turma tem três ou quatro meninas só e um monte de meninos, então eu não sei como eu faço”. A gente conversando chegou à conclusão de que o nível de jogo, não é nem de habilidade motora, fase motora, nada disso, pensar que essa turma já entende o basquete, tem aluno de sete, de oito, de nove, de dez, nessa turma que já entende o basquete, alguns meninos, algumas meninas, e tem condições, então, de compor um grupo para fazer aula, enquanto essa outra parte da turma é muito iniciante, não entende ainda o que é a relação de ataque e defesa no basquete, para que lado ele ataca, para que lado ele defende, então, eles vão ter atividades de forma, como um grupo separado durante essas aulas. Essa foi uma das alternativas que eles propuseram para enfrentar esse dilema. O da competitividade.

H.R. – Isso. Eles tiveram em relação à alta competitividade, eles começaram a falar: “A gente poderia trabalhar com exemplo durante as aulas, de pessoas conhecidas da comunidade, ou na sociedade em geral, que foram pessoas que já tiveram derrotas durante a vida, mas conseguiram ter sucesso, trazer esses exemplos para dentro do núcleo, ter oportunidade de poder filmar os alunos tendo aula e mostrar para os alunos como eles se comportam durante as aulas, em relação a competitividade, entre outros detalhes”. E o terceiro grupo que trabalhou com os aspectos específicos do esporte, discutiu muito a questão dos recursos metodológicos, dos recursos pedagógicos utilizados para ensinar o esporte, na ideia de quais seriam os facilitadores, quais seriam as ferramentas para ensinar o esporte? A gente percebeu que eles estavam muito focados só na ideia de usar os exercícios analíticos e começamos a discutir isso no grupo: “Existem outras possibilidades, existem outros recursos pedagógicos para ensinar o esporte”. E a gente construiu algumas categorias, por exemplo, o jogo, a brincadeira, as situações de jogo, o jogo propriamente dito, o exercício analítico, e a gente descreveu o que era cada uma dessas categorias para que eles pudessem no momento do planejamento usar essas categorias para organizar as aulas. E a gente tirou esse documento no final da reunião e combinou com eles que nós teríamos mais um mês para poder colocar isso em prática e voltar a fazer a avaliação no

terceiro encontro. E nesse terceiro encontro, no período da manhã, a gente teve a oportunidade de fazer a avaliação. A gente percebeu, já nesse terceiro encontro, algumas dificuldades de implementação daquela proposta. A gente então foi questionar eles: “O que aconteceu que vocês não conseguiram colocar todas aquelas estratégias em prática?” Que a nossa grande preocupação era a seguinte: “Nós provavelmente, definimos problemas aqui que eles não atribuíram sentido, se eles não colocaram em prática é porque eles não acreditavam”. A ideia do Projeto é que eles possam se apropriar do modelo de reflexão sobre a ação, como algo que eles possam conseguir fazer sozinhos. Eles começaram a explicar para a gente que, na verdade, eles tiveram vários feriados, as aulas foram interrompidas mais cedo, que aquilo justificava a dificuldade de ter colocado em prática, mas que eles gostariam de se propor a colocar em prática isso na continuidade do convênio.

O.M. – Depois eles argumentaram também que era pouco tempo entre um encontro que nós fizemos com eles e outro; eles sugeriram que pudessem espaçar um pouco mais, dois meses entre cada encontro para dar tempo deles implementarem todas essas estratégias. Então, acho que foi uma justificativa que eles fizeram para não ter conseguido cumprir com esse compromisso.

H.R. – E no período da tarde, no período final, a gente optou em fazer uma avaliação de todo o processo, de todo o processo de implementação do piloto, toda a ideia. Então a gente gostaria de saber qual a percepção dos coordenadores, dos monitores do projeto pedagógico sobre o piloto, será que eles acharam que ajudou? Não ajudou? Como é que a gente avançou? Não avançou? E para isso a gente optou pela metodologia do grupo focal. A gente fez três grupos focais, um grupo focal com os coordenadores, um com os monitores e um só com o coordenador pedagógico e coordenador geral. E a gente fez um roteiro para usar durante o grupo focal, com questões do tipo: “Qual era a opinião deles em relação ao piloto? Se eles fossem fazer o piloto de novo, o que eles fariam diferente? Quais seriam as sugestões deles em relação ao piloto?” E eu acho que é a parte que a gente saiu mais satisfeito, porque nessa oportunidade do grupo focal eles apresentaram um pouco como era a visão deles em relação a gente na capacitação inicial e como é que essa visão foi se modificando ao longo do processo, eles deixam isso muito claro: “Quando vocês vieram aqui para a capacitação, assustaram a gente, eu por exemplo, pensei em sair do

projeto, não sabia se ia dar conta, é muita informação, muito tempo reduzido, a gente estava em um dia que estava muito quente.”

O.M. – Uma palavra chave que apareceu, eles comentando sobre essa transição da capacitação inicial para o piloto foi a confiança. Que eles falavam que hoje eles confiavam na gente, eles sabiam que a gente estava indo lá para ajudá-los, até essa mesma menina que fez o relato que ela queria os alunos antes longe dela e depois perto, ela falou assim: “Hoje eu sei que vai ter a reunião do piloto, que são oito horas no dia, é pesado, mas eu fico ansiosa, porque eu quero contar para vocês o que eu consegui avançar no núcleo, então hoje eu venho para a reunião feliz, diferente de antes”. Foram feitos esses três grupos focais, acho que o grupo focal com os coordenadores de núcleo foi muito produtivo, apareceu muita coisa interessante das impressões deles, inclusive das limitações. Nós filmamos, gravamos também em áudio os grupos focais, eu acho que são materiais importantes para nossa memória também, para poder utilizar em outros pilotos, que nós vamos fazer, e ao final do dia nós tivemos um apanhado geral de todo o processo, que foi só três meses, foi muito curto, mas a gente saiu de lá sentindo que aquele grupo saiu confiante que poderia caminhar com as próprias pernas, a partir dali, de forma autônoma.

H.R. – Eu acho que o que fica para a gente de importante, é que essas reuniões que a gente está fazendo aqui em Brasília estão sendo bem importantes para pensar isso e para a gente isso fica muito claro que é a importância da gente diferenciar um pouco a capacitação, a capacitação pedagógica de coordenadores. No atual modelo de capacitação e as possibilidades da gente pensar no acompanhamento pedagógico a partir de outras concepções de formação, que não estejam vinculados a ideia que nós somos da universidade e temos um corpo de conhecimento, que os professores precisam se apropriar, porque se eles não se apropriarem não conseguem resolver os problemas deles. Na verdade a gente queria se afastar da ideia, no sentido de emponderar os professores: “Vocês sabem muito sobre a prática de vocês, agora o que vocês precisam? Vocês precisam ter momentos propícios para poder pensar sobre ela e construir estratégias para intervir sobre elas, e eu acho que a gente conseguiu avançar muito em relação a isso”. Evidentemente que a gente encontra diversos limites, Osmar apontou muito bem isso, a gente ficou na dependência de ter um bom coordenador pedagógico, porque depois que a gente ia embora das reuniões a coordenadora pedagógica ela fazia um passo a passo para ajudar os coordenadores de

núcleo a implementar aquelas estratégias, e tudo isso ajudava, então, além disso a gente entende que esse é um processo que tem que ser feito em longo prazo, no sentido de se apropriar dessa prática de refletir sobre a apropriação. Ela leva algum tempo, agora a gente acredita muito nisso e a gente ficou muito satisfeito com o que aconteceu em Sertãozinho, daí nosso empenho aqui para tentar compartilhar isso com os colegas, e buscar formas de fazer isso de replicar isso em nível nacional. Uma vez que isso ajudou tanto os nossos coordenadores lá a gente acredita que poderia também ajudar coordenador de outros convênios.

C.M. – Mais alguma coisa que vocês querem registrar, pra além, mesmo para além do Projeto Piloto, de outras experiências que vocês estão tendo na Equipe? E também o que o Projeto Segundo Tempo tem colaborado para vocês, em quanto professores, enquanto pessoas também, o que o projeto tem influenciado?

H.R.– Eu particularmente tenho usado muito do Segundo Tempo como substrato para as minhas aulas na universidade. E dei aula em escola até 2008, entrei para a universidade federal, não estou na escola hoje e a minha visão de chão de quadra é a partir do Segundo Tempo, é a partir das visitas, então, me ajuda a exemplificar com os alunos as dificuldades, as mazelas que a gente encontra na prática pedagógica. Embora a gente esteja falando do programa de esporte educacional, não estamos falando de esporte escolar, não estamos falando de educação física escolar, mas eu acho que tem muitas aproximações. A gente identifica as fragilidades, e identifica também as potencialidades, você identifica ali: “Puxa vida, dá para fazer muita coisa”. Porque a gente visita o núcleo e dá para visualizar nas crianças que estão participando do Programa o potencial que tem ali, por isso que a gente acredita nesse modelo de formação. Por exemplo, não é simplesmente para gente se sentir satisfeito de cumprir o papel enquanto equipe colaboradora que foi lá e falou: “A gente trabalhou”. Não é só isso, é porque a gente acredita que dê para mudar, que dê para mudar a prática pedagógica, que dê para avançar para além do que a gente tem visto muitas vezes que não muda muito em relação à educação física escolar, que são os alunos jogando bola sem intervenção do professor, quando não aulas mais no modelo tecnicista, então, são outras formas de ensino que eu acho que o Programa me ajuda a levar isso para sala de aula, para discutir com os meus alunos, em quanto pessoa também eu acho que me sensibiliza muito.



O.M. – No meu caso, a avaliação que eu faço mais recente está até muito relacionada ao Piloto mesmo que, na verdade, acho que a ideia de poder ter construído esse modelo de formação, e que a gente construiu isso de forma coletiva permitiu perceber isso. Para mim é muito importante, de que existem outras formas de pensar a formação de professores, vem me incomodando muito, porque eu acho que o que a gente faz hoje no Segundo Tempo, na capacitação, reproduz o modelo universitário de formação, que é um modelo que a gente precisava repensar um pouco, então, tudo isso que a gente acabou fazendo no Piloto permitiu perceber que é possível fazer isso. A gente fez todo um passo a passo, e isso para a gente, eu poderia pensar como é que eu posso replicar isso em outros espaços de formação, então acho que, a principio para mim é isso assim. Acho que tem outra ação, você perguntou de outras ações? Amanhã nós vamos apresentar, inclusive, que eu e o Heitor fomos convidados a escrever mais um capítulo do novo livro do Programa Segundo Tempo, e o Heitor no doutorado dele ele está trabalhando mais diretamente com a pedagogia do esporte. Essa não é a temática do meu doutorado, mas é uma temática também que muito me facina e essas são as disciplinas que eu leciono na universidade, esporte escolar... E nós estamos escrevendo o tema, escrevemos uma primeira versão de um capítulo para o livro que vai tratar da pedagogia do esporte, então, eu acho que também é um momento importante, um momento da gente participar mais diretamente da política pública, até produzindo esse conhecimento, que a ideia é que ele oriente a prática pedagógica nos núcleos. E a gente cria uma expectativa muito grande também com esse material que amanhã deve ser discutido.

C.M. – Então professores, em nome do Centro de Memória do Esporte eu agradeço pela entrevista. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]